



Pesquisar em Educação: desafios contemporâneos

Luís Armando Gandin

RESUMO – Pesquisar em Educação: desafios contemporâneos. O artigo aborda a problemática da pesquisa em educação, situando o campo e introduzindo os textos selecionados para compor a seção temática Pesquisar em Educação. Pontua elementos chave da discussão contemporânea sobre a investigação na área educacional e traz à análise os desafios do ofício de pesquisador. Por último, aponta para a possibilidade de estarmos produzindo, com nosso trabalho investigativo, uma ecologia de saberes, tal como proposta por Boaventura de Sousa Santos.

Palavras-chave: **Pesquisa. Educação. Epistemologia da Educação.**

ABSTRACT – Researching Education: contemporary challenges. The article deals with the educational research problematic, situating the field and introducing the texts which were selected to the thematic section on Researching Education. It highlights key elements of the contemporary debate about educational research and analyzes the challenges of being a researcher. Finally, it points to the possibility of an ecology of knowledge – as Boaventura de Sousa Santos proposes – being produced by our research efforts.

Keywords: **Research. Education. Educational Epistemology.**

Educação & Realidade, em seus 35 anos (comemorados neste ano de 2011) de história ininterrupta, tem sido um dos meios de divulgação da pesquisa em educação realizada em nosso país e no mundo. Mais do que apenas divulgar essa pesquisa, *Educação & Realidade* tem buscado propor novos temas para o campo da educação no Brasil. Nessa tradição, que já introduziu textos da escola crítica dos Estados Unidos e Inglaterra na década de 1980 e 1990, clássicos sobre gênero e sexualidade na década de 1990, artigos dos Estudos Culturais e do pós-estruturalismo nos anos 1990 e 2000 e de diversos temas candentes na nossa área, como a relação da arte visual, da performance e dos estudos sobre o meio ambiente com a educação, nossa revista traz, neste número, uma seção temática que se debruça sobre o nosso ofício de pesquisar a educação. Em uma chamada de artigos específica sobre o tema, recebemos mais de 40 textos. A seção, que ora apresentamos, é composta por nove artigos e duas entrevistas com pesquisadores consagrados em suas áreas de atuação. Se o mundo em que vivemos se complexifica cada vez mais, é necessário construir ferramentas teóricas e metodológicas de análise que possam dar conta dessa complexidade. Os textos dessa seção temática abordam concretamente, a partir de diferentes perspectivas teóricas, a tarefa de pesquisar em educação. Ao refletirem sobre a educação como campo de pesquisa, os autores nos oferecem possibilidades, nos abrem portas, provocam os limites da teorização constituída ou ainda rompem com esses limites, oferecendo um novo olhar sobre o campo. Todos eles não fogem da responsabilidade de pensar o nosso campo e, nesse processo, o transformam.

O artigo de Susan Robertson e Roger Dale, renomados pesquisadores da University of Bristol no Reino Unido e editores fundadores da revista *Globalisation, Societies and Education*, é bastante apropriado para abrir essa seção temática. Em seu texto intitulado *Pesquisar a Educação em uma Era Globalizante*, Robertson e Dale oferecem, de forma compacta, grande parte dos argumentos que eles vêm desenvolvendo em sua prolífica produção sobre a relação da educação com a globalização. Eles mostram os desafios que nós, pesquisadores do campo da educação, temos ao debruçar nosso olhar sobre as complexas sociedades contemporâneas e sobre as estruturas que muitos de nós subentendemos estáveis. Os autores apresentam os grandes riscos de continuarmos com modelos teóricos que não são mais adequados, em sua visão, para analisar uma sociedade em profunda modificação. Nesse esforço, criticam aquilo que denominam de *ismos*, ou seja, uma inclinação a ignorar a história das estruturas e dos conceitos que buscam explicá-las e, com isso, fixar interpretações das mesmas. Robertson e Dale apresentam quatro desses *ismos* em seu texto: nacionalismo metodológico, estatismo metodológico, educacionismo metodológico e fetichismo espacial. Em uma rica discussão, os autores pontuam os riscos de tomar conceitos como estado-nação e globalização (para citar apenas dois exemplos) como dados. Para eles, o trabalho do pesquisador em educação deveria sempre iniciar revisitando esses conceitos, redefinindo-os nos contextos específicos.

Os desafios do pesquisador da educação não se restringem às análises sociológicas dos aspectos macro. Eles se intensificam quando se busca entender os efeitos da educação que não se dá dentro da sala de aula, algo que André Petitat chama de *educação difusa*. Em seu artigo *Educação Difusa e Relação Social*, o sociólogo da Universidade de Lausanne, Suíça, André Petitat, examina o efeito que a atenção sobre a escola provoca na análise da educação em nossas sociedades. Ele defende a ideia de que é preciso ampliar o nosso olhar sobre a educação e focar mais as dissonâncias, as contradições, nos espaços onde a identidade se constrói em convergência e divergência de sentido. Petitat mostra, concretamente, o que ele busca forjar como análise da educação difusa quando dá o exemplo de que sabemos muito sobre o saber formal ao estudar a formação acadêmica de um trabalhador, mas para que possamos entender a sua ação como sindicalista é preciso focar essa cultura que se estabelece fora dos espaços formais da escola e das instituições de ensino. São esses espaços da família, dos amigos, da organização sindical e múltiplos meios que criam essa educação difusa, responsável pelas mudanças. Apesar de alertar para o fato de que não devemos ignorar o debruçar-se da sociologia sobre a escola, que muito nos ensinou, Petitat alerta para a necessidade de atentar também não apenas para as manifestações mais consagradas dessa educação difusa, mas para os mínimos movimentos que apontam contradições, ruídos, rupturas, sem os quais ficamos sem potência explicativa para capturar o novo que bate à nossa porta.

Se esses são alguns dos macrodesafios dessa aventura do pesquisar em educação, desafios não menores se apresentam quando se passa a examinar subcampos da área. O artigo *A Pesquisa na Área de Política e Gestão da Educação Básica: aspectos teóricos e metodológicos* de Ângela Maria Martins investiga um desses subcampos: a política e a gestão da educação. O texto inicia com uma análise da contribuição das ciências sociais e seus métodos de pesquisa para essa subárea da educação. A autora mostra a importância de não apenas fazer uma análise da política e da gestão como prescrição, mas também de sua recepção e negociação pelos sujeitos dessas políticas e da gestão, nos locais onde elas se efetivam. O texto demonstra que, assim como ocorreu na sociologia e na ciência política, tem havido uma tendência nos analistas das políticas educacionais e da gestão da educação em buscar analisar a micropolítica empregando modelos de análise *bottom-up* ao invés dos tradicionais métodos *top-down*. No que se refere à gestão escolar, a autora alerta, ainda, que há uma tendência de analisar os desdobramentos no interior da escola como se fossem sempre uma consequência direta da ação do Estado. Ela conclui afirmando que, apesar de ser difícil de implementar, a análise das políticas em educação e gestão escolar deveria estar calcada em um tripé explicativo: as macrorrelações sociais e políticas, o enquadramento burocrático das instituições e a esfera das relações nos espaços da escola.

Para realizar essa análise complexa do real, dependemos de referenciais epistemológicos e metodológicos. O artigo *Pesquisa Qualitativa Crítica: conceitos básicos* de Phil Francis Carspecken, pesquisador estadunidense da teoria

e da etnografia críticas em educação e ciências sociais, é uma resposta concreta a esses desafios. Carspecken apresenta uma exaustiva introdução ao trabalho de pesquisa em educação feita a partir do referencial da teoria crítica. O autor inicia afirmando que o conhecimento é visto, na tradição crítica, não apenas como um saber construído sobre a realidade social, mas, ele mesmo, realidade social. Insiste que a pesquisa crítica não tem por objetivo apenas descrever o mundo social, mas transformá-lo. Em um texto em que explica, detalhadamente, os pressupostos e os parâmetros da pesquisa qualitativa crítica, Carspecken oferece, em suas palavras, um modelo que inclui condições de ação, consciência do ator sobre as condições, o sentido das ações, as consequências de ações e sistemas que vinculam consequências a novas condições de ações. Em suas conclusões, o autor alerta o leitor para o fato de que o seu artigo é um exercício de desenhar um percurso da pesquisa e, por isso, seu texto é muito mais esquemático do que é na verdade a pesquisa que segue os princípios críticos. Reforça, no entanto, usando a analogia da linguagem, que para construir textos inspirados é preciso conhecer a gramática; esse é um artigo que leva a sério a *gramática* da pesquisa que usa a teoria crítica como referencial.

O texto que segue parte das contribuições de Carspecken e busca avaliar as implicações da etnografia crítica para o campo da educação. Em *Reflexões sobre a Etnografia Crítica e suas Implicações para a Pesquisa em Educação*, Jefferson Mainardes da Universidade Estadual de Ponta Grossa e Maria Inês Marcondes da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro iniciam com um histórico da tradição da pesquisa crítica e, mais especificamente, da etnografia crítica. Na sequência, pontuam aquilo que consideram as grandes contribuições da etnografia crítica para a educação, utilizando-se basicamente do trabalho de Carspecken. Uma delas é dar ênfase ao local e ao micro, mas fazê-lo de forma a conectá-lo ao macro, a uma concepção de totalidade. Outro diferencial dessa concepção de pesquisa sobre o social é o seu compromisso com o desvelamento das situações de opressão e silenciamento das vozes dos grupos subalternos. Os autores apontam ainda – algo que Carspecken também enfatiza – a grande flexibilidade da etnografia crítica como método (entendido como mais do que uma mera metodologia) de pesquisa, podendo ser utilizado em múltiplos contextos do campo da educação. Mainardes e Marcondes e oferecem exemplos concretos, na literatura educacional brasileira, de pesquisas que utilizam a etnografia crítica, mostrando os ganhos que tais pesquisas proporcionam ao campo da educação. Antes de sua conclusão, apresentam também desafios que se colocam aos pesquisadores que utilizam a etnografia crítica como método, incluindo os aspectos cruciais da ética na pesquisa, que são ainda mais importantes em uma concepção que busca mais do que a simples explicação dos fenômenos. Os autores concluem reiterando que a etnografia crítica é mais do que uma tentativa de entender o mundo social; é também uma forma de intervenção sobre o seu tema de estudo.

Por buscar um método que supere os constrangimentos da concepção positivista ou da mera descrição, a pesquisa crítica em educação volta sua análise para os próprios pressupostos e procedimentos metodológicos da in-

investigação. Se o objetivo é mais do que descrever ou mesmo apenas explicar o social, mas também transformá-lo, é crucial que a pergunta não seja apenas como fazer a pesquisa, mas primeiramente perguntar para que fazê-la, para quem e com quem, e quem será protagonista dessa atividade teórico-prática. O texto de Cheron Zanini Moretti e Telmo Adams, ambos ligados à Universidade do Vale do Rio dos Sinos, busca exatamente esse olhar sobre a pesquisa a partir de outro lugar: o sul. Em seu artigo intitulado *Pesquisa Participativa e Educação Popular: epistemologias do sul*, os autores examinam a tradição da pesquisa participativa dentro da educação popular, recuperando, entre outros, o trabalho de Paulo Freire e Orlando Fals Borda (ambos também citados por Carspecken) como intelectuais e ativistas do sul que examinam criticamente o eurocentrismo da concepção sobre a pesquisa. Os autores do artigo evidenciam como a tradição da pesquisa participativa rompe com o binário ciência/senso comum ao propor que os sujeitos das classes populares, considerados objetos de estudo nas pesquisas tradicionais, não são apenas a fonte da informação que o pesquisador coleta, mas passam a ser, eles próprios, intérpretes de sua vida, através da construção coletiva de novo conhecimento. Conectando a tradição da educação popular da América Latina à concepção anticolonialista de Fanon e outros, o texto procura mostrar que é na prática cotidiana dos movimentos sociais que uma nova epistemologia do sul, que luta contra o opressor que vive dentro do oprimido, como mostrou Freire, vai sendo forjada. Os autores concluem que a pesquisa participante, informada pela tradição da educação popular, é uma alternativa de ruptura epistemológica na busca de uma identidade da pesquisa educacional latino-americana. Nas palavras dos autores, é uma oportunidade de buscar não ser o que não somos.

Continuando o esforço de olhar para nosso próprio caminho como pesquisadores da educação, o artigo *As Epistemologias dos Estudos Curriculares: diferenças e identidades* de José Licínio Backes e Ruth Pavan, ambos da Universidade Católica Dom Bosco, examina os textos aprovados e apresentados no Grupo de Trabalho de Currículo nas reuniões anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação entre 2005 e 2009. O texto foca um campo consagrado da área de educação, o currículo, e busca mapear como as categorias de identidade e diferença aparecem nas pesquisas em tela. Logo no início os autores dividem com os leitores seu dilema, pois, ao examinar as concepções epistemológicas dos trabalhos e agrupá-los nas categorias de diferença e identidade, eles nos mostram que as escolhas metodológicas de nossas pesquisas são elas próprias um espaço que merece exame minucioso, sob pena de nos contradizermos como pesquisadores. O uso do próprio conceito de identidade poderia ser entendido, segundo os autores, como, ao menos em princípio, em contradição com o conceito de diferença. Os autores nos convidam a adentrar seus dilemas como pesquisadores: como buscar operar com o conceito de identidade de trabalhos, quando esses mesmo trabalhos operam com o conceito de diferença? A saída encontrada por eles é operar com identidade no sentido proposto por Stuart Hall: uma identidade não essencialista. Backes e Pavan identificaram duas

tendências na análise dos 64 trabalhos examinados: uma que chamam de epistemologia da diferença pura e outra que nomeiam epistemologia da DIFERENÇA/identidade (com ênfase na diferença, para demonstrar o uso de identidade que fazem). O que divide essas duas perspectivas é que o segundo grupo não está disposto a abandonar o conceito de identidade, a entendendo como sempre em necessidade de ressignificação e em relação inseparável com a diferença. Já o primeiro grupo conclui que insistir no conceito de identidade é negar a diferença. Ao mapear esse campo do currículo e suas contribuições nos últimos anos, os autores nos ajudam a entender os problemas que enfrentam e as soluções que têm encontrado os pesquisadores do campo do currículo.

Contribuição igualmente importante para o campo da pesquisa em educação é a análise apresentada por Carla Beatriz Meinerz da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em seu texto intitulado *Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação*, a autora examina a metodologia dos grupos de discussão, mas o faz com o olhar de quem entende a escolha da metodologia como parte da concepção de ciência que o pesquisador espousa. A autora inicia situando o seu trabalho metodológico com grupos de discussão dentro da tradição da sociologia crítica espanhola, sem, contudo, desconhecer os seus usos nos Estados Unidos e Alemanha. Ela demonstra que, nessa tradição, os grupos de discussão não são entendidos como uma técnica, mas sim como uma prática de investigação. Mostra também que os grupos de discussão não são exatamente um *locus* de discussão; eles acabam sendo um espaço onde se busca reconstruir o discurso cotidiano dos sujeitos da pesquisa. Influenciada pela sociologia de Pierre Bourdieu, essa concepção de pesquisa objetiva também identificar elementos do *habitus* dos grupos participantes. A autora demonstra como a execução do grupo de discussão é crucial para seu êxito e examina as condições necessárias. O discurso (re)produzido pelos sujeitos da pesquisa (uma espécie de *habitus* falado, segundo a autora) é então analisado, sendo importantes também os *ruidos* da fala e não apenas o *som* predominante. Indo além da mera descrição abstrata, Meinerz nos oferece um exemplo concreto do uso de grupos de discussão em seu próprio trabalho de pesquisa. A autora conclui mostrando a importância da vigilância do pesquisador e a necessidade do cruzamento dos dados obtidos com essa metodologia e outras fontes de dados.

O campo da pesquisa em educação é multifacetado e oferece uma grande variedade de perspectivas. *Educação & Realidade* tem buscado, em sua trajetória de 35 anos, dar ênfase ao campo das artes, das experiências estéticas e da comunicação e nesse número sobre a pesquisa essa perspectiva está muito bem representada pelo artigo intitulado *Tópicos para Pensar a Pesquisa em Cinema e Educação* de Fabiana de Amorim Marcello da Universidade Luterana do Brasil e Rosa Maria Bueno Fischer da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em seu texto, as autoras defendem que a pesquisa da relação do cinema com a educação implica em tratar simultaneamente de três dimensões: a linguagem desse meio, a audiência e questões, a partir das ciências humanas, filosofia e, mais especificamente, educação, que abordem os temas da vida contemporâ-

nea. Marcello e Fischer afirmam que o grande objeto do estudo da relação entre o cinema e o campo educacional é a educação do olhar, mas insistem que esse não é um caminho de mão única entre a transmissão e a recepção; esse é o olhar que também influencia o que nos olha. Em vinte pontos que consideram centrais para aqueles que se dedicam à pesquisa da interface do cinema com a educação, as autoras cobrem detalhadamente as três dimensões que propuseram no início do artigo e oferecem um roteiro primoroso para aqueles que querem se aventurar nesse trabalho de pesquisa. As autoras, sem rejeitar a tarefa da pesquisa em educação (segundo elas, dar conta das questões do nosso tempo), propõem novas perguntas, que rompem e superam questões como, por exemplo, qual o papel do cinema na produção da infância e juventude contemporâneas. As autoras estão interessadas em responder questões que deveriam sempre vir antes dessas: de que criança e jovem estamos falando? Nesse sentido, mesmo examinando a pesquisa sobre o cinema e sua relação com a educação, Marcello e Fischer nos propõem algo vital para qualquer pesquisa em educação: como examinar os espaços que buscam educar os sujeitos.

A seção temática *Pesquisar em Educação* ainda oferece aos leitores, além dos artigos, duas entrevistas com estudiosos conhecidos dos pesquisadores brasileiros. No esforço de buscar o pensamento mais atual desses estudiosos e oferecê-lo aos leitores de *Educação & Realidade*, os editores elaboraram questões ligadas ao tema dessa seção temática e as propuseram aos entrevistados.

A primeira entrevista (*Pesquisa como Conhecimento Compartilhado: uma entrevista com Michel Maffesoli*) traz a contribuição do sociólogo francês Michel Maffesoli. Essa entrevista foi feita, em Paris, por Gilberto Icle, Editor Associado de *Educação & Realidade*. Na entrevista, Maffesoli, conhecido por suas análises da pós-modernidade, inicia falando sobre a necessidade de a pesquisa nas ciências sociais propor novas metáforas para falar de uma sociedade contemporânea que é fugidia e que não é adequadamente tratada a partir dos conceitos fechados da modernidade. Polêmico, como tem sido no decorrer de sua carreira, Maffesoli afirma que entende o intelectual como alguém que deve se manter neutro, diferenciado do militante. Provocado pelo entrevistador, ele diz que essa neutralidade é impossível de ser atingida, mas é um ideal a ser buscado. Respondendo sobre o papel da educação na pós-modernidade, Maffesoli afirma que a educação, tal como a entendemos na modernidade, está com seus dias contados; a *iniciação* é a alternativa que apresenta. A iniciação reintroduz o que a educação moderna eliminou: o imaginário, o jogo. Defende que a internet e as redes permitem que a iniciação se processe, pois ela é horizontal onde a educação era vertical. O sociólogo conclui a entrevista respondendo uma questão sobre a relação do conhecimento científico com o senso comum. Para Maffesoli, a pós-modernidade é caracterizada por um conhecimento que é cada vez mais construído coletivamente e partilhado coletivamente. Isso, segundo ele, tem um impacto sobre a pesquisa, pois ela deverá integrar cada vez mais não apenas o cognitivo, mas também o emocional. Por último, o trabalho mais recente de Maffesoli tam-

bém pode ser visitado através da resenha crítica do livro *Saturação*, publicada neste número de *Educação & Realidade*.

A segunda entrevista (*Pesquisa em Educação como Processo Dinâmico, Aberto e Imaginativo: uma entrevista com António Nóvoa*) apresenta as ideias de um pesquisador consagrado no campo da educação, o atual reitor da Universidade de Lisboa e professor catedrático de educação, António Nóvoa. O estudioso respondeu as perguntas elaboradas e enviadas por *Educação & Realidade* por escrito. Em suas respostas, Nóvoa aborda as questões da pesquisa em formação de professores, a contribuição da pesquisa comparada em educação, a realidade da pesquisa nas universidades europeias no contexto do Processo de Bologna, o papel da escola na educação, os desafios postos para as agendas contemporâneas de pesquisa em educação e as lições para a análise da pesquisa a partir da experiência de ser reitor de uma grande universidade europeia. Nóvoa inicia defendendo a necessidade de reforçar a profissão docente e atacando o que chama de *indústria do ensino*. Para ele, a universidade tem um papel crucial nessa defesa, que é diferente de falar pelos professores, o que, segundo ele, é algo comum na postura da academia. O autor defende que, para aprimorar o trabalho docente, é preciso aproveitar o que a pesquisa sobre a formação de professores já demonstrou: fazer a formação dos professores dentro da própria profissão; garantir a autonomia de organização profissional para os professores; reforçar as redes de trabalho coletivo. Refletindo sobre o trabalho comparativo na pesquisa em educação, Nóvoa reforça a ideia de que a comparação também deve ocorrer no tempo, enfatizando a importância da história e de superar a geografia nacional na comparação. Falando sobre os desafios da pesquisa contemporânea em educação, o autor insiste que é preciso superar as lógicas do que ele chama de *disseminação da pesquisa e culturas de salvação*. Finalmente, refletindo sobre sua experiência como reitor, Nóvoa insiste na importância de investir no que ele designa fronteiras e cruzamentos das disciplinas, pois, segundo ele, aí está o futuro da pesquisa.

Os textos apresentados nessa seção temática oferecem firmes exemplos de um olhar atento e vigilante ao nosso fazer de pesquisador no campo da educação. Mas também oferecem evidências de um processo que está ocorrendo em nosso campo. Boaventura de Sousa Santos cunhou um conceito que dá conta dessa ideia: para ele, no campo das ciências sociais, devemos fazer uma “[...] sociologia das emergências, a qual consiste numa amplificação simbólica de sinais, pistas e tendências latentes que, embora dispersas, embrionárias e fragmentadas, apontam para novas constelações de sentido referentes tanto à compreensão como à transformação do mundo” (Santos, 2007, p. 83). É possível vislumbrar emergências de novos arranjos explicativos, que buscam dar conta da complexidade de nosso mundo contemporâneo. Isso fica claro nos textos oferecidos na seção temática. Mas, talvez os autores apontem também para a necessidade de revisitarmos criticamente a própria pesquisa científica. É possível que estejamos caminhando – a passos lentos, é verdade – para o que Santos chama de *ecologia de saberes*, ou seja, o reconhecimento da diversidade epistemológica, que não

acompanhou o reconhecimento cultural. Segundo Santos, tão importante quanto saber o que se aprende é saber o que se esquece, o que é suprimido como saber, nesse processo de aprender (Santos, 2007, p. 87).

O leitor de *Educação & Realidade* certamente terá muito proveito na leitura dos textos. Que esta seção temática sobre nosso ofício de pesquisadores do campo da educação seja mais um passo na busca da ecologia dos saberes da qual fala Boaventura de Sousa Santos.

Referência

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para Além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos - CEBRAP*, São Paulo, n. 79, p. 71-94, nov. 2007.

Luís Armando Gandin é doutor (PhD) em Educação pela University of Wisconsin-Madison e professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É Editor-Chefe de *Educação & Realidade*, Editor de *Currículo sem Fronteiras* (Portugal/Brasil) e Editor para a Língua Portuguesa de *Education Policy Analysis Archives* (Estados Unidos).

E-mail: luis.gandin@ufrgs.br